

[POESIA]

DÍS(PARES)

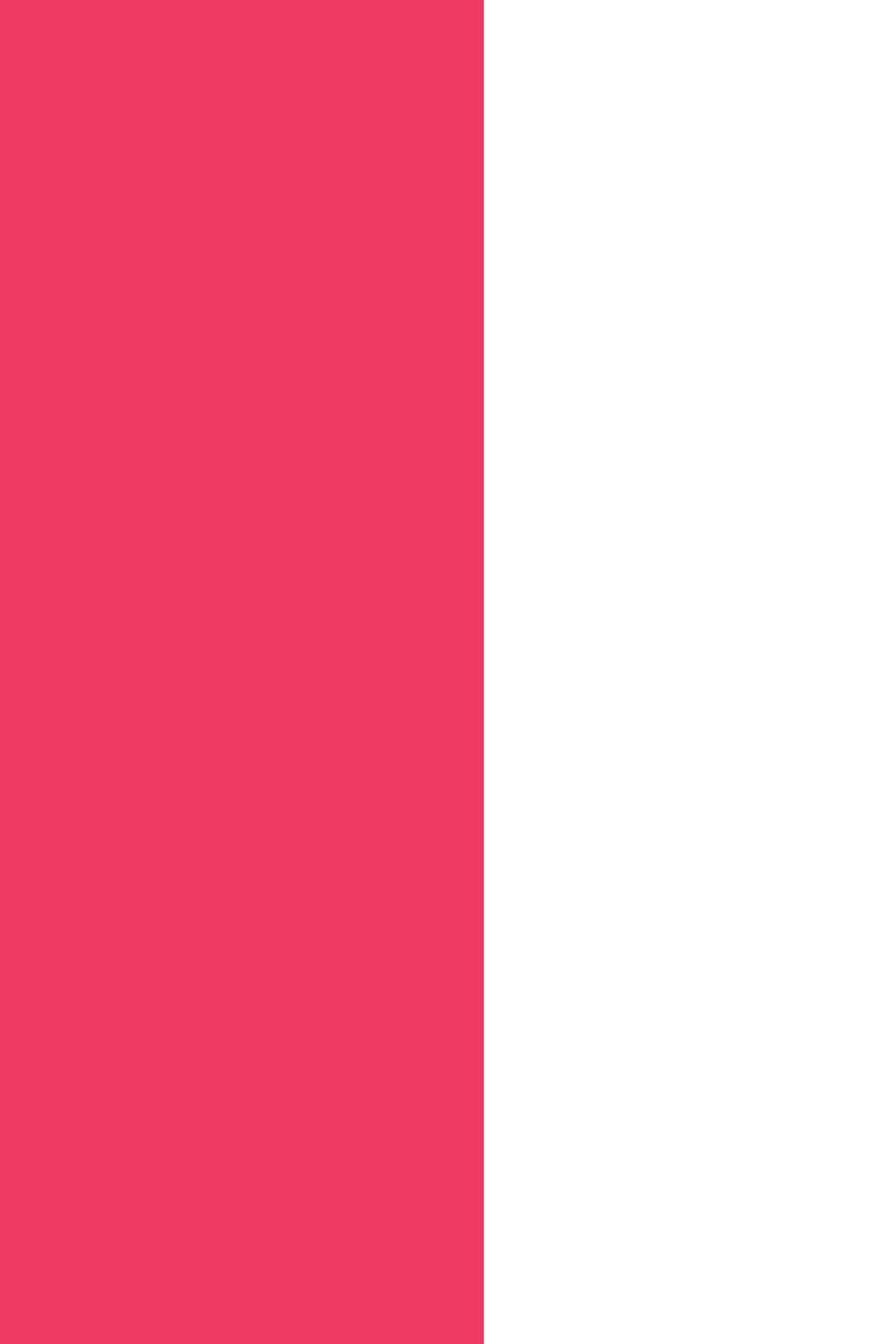
Érica Paiva Rosa

organização

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná **B**

insight
E D I T O R A



DÍS(PARES)

Todos os direitos dessa edição reservados à:

EDITORA INSIGHT



Rua João Schleder Sobrinho, 668 – 82540-060 – Curitiba – PR

Tel.: (41) 3023-3774

www.editorainsight.com.br

contato@editorainsight.com.br

Coordenação e produção: Naotake Fukushima - naotake@nexodesign.com.br

Auxiliares de produção: Beatriz Marçal de Melo e Maria Aparecida Bezerra Sousa

Revisão de texto: Alvaro Posselt

Diagramação: Naotake Fukushima, Gerson Luiz Cordeiro e Marina Mendonça

Organizadora: **Érica Paiva Rosa** - pr.educacaoocultura@gmail.com

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB-9/1617

Rosa, Érica Alessandra Paiva

Dís(pares) / Érica Alessandra Paiva Rosa. - Curitiba, PR: Insight, 2024.

64 p. ; 21 x 14 cm.

ISBN 978-65-88617-81-6

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD (22ª ed.)
869.1

PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA OBRA,
POR QUAISQUER MEIOS, SEM AUTORIZAÇÃO DO EDITOR.
(Lei nº 9.610/98)

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2024

DÍS(PARES)

Érica Paiva Rosa

organização

Curitiba 2024

insight
E D I T O R A

Prefácio

“Mulheres, tão diferentes, mas a luta tão igual”, escreveu Ray Olunar sobre as nossas vidas, nossos corpos, nossas semelhanças e nossos desafios. É isso que você encontra neste livro, três autoras com escritas muito diferentes, mas com temas e com uma luta tão igual pelos espaços de ocupação da mulher na literatura. Seja pelo nosso trabalho ao buscarmos as poetisas e seus textos engavetados para soarem alto nos microfones dos saraus e dos slams, seja por esta oportunidade de pensar em nós.

Ray Olunar é a poeta que nos faz chorar com as borboletas no estômago, fala de assuntos tão difíceis com uma doçura que só a poesia explica como fazer. Ela escreve poemas fortes que dão “um embrulho metálico no estômago”, como diria a Ana Favorin. Essa última, por sua vez, transforma a vida em poesia, buscando nas coisas mais simples do cotidiano um jeito de nos fazer parar no tempo. No meio da correria ou quando a gente está no intervalo, almoçando em frente à TV e assistindo ao horror estampado no jornal, ela chega e fala: “Para, para e olha pra isso! Você vê o que eu vejo? Sente o que eu sinto? Você acha isso normal?”.

E eu me surpreendo a cada poema novo delas, mesmo conhecendo o estilo de escrita de cada uma. Eu também gosto de brincar com as palavras, às vezes, elas não querem fazer o meu jogo e temos nossos atritos, mas tudo sempre passa quando as letras se desenham na folha do papel e entram na ciranda. Assim, nasce esta publicação em livro das três poetisas que decidiram somar algumas produções para a criação de uma coletânea de textos díspares, mas com temas comuns que compõem quatro seções: Mulher, Escrita, Amar e Cotidiano.

“Mulher” apresenta alguns poemas escritos no calor da raiva e da revolta, por todas as violências de gênero que nós e nossas companheiras sofremos. Outros textos trazem as figuras da

mãe e da avó junto ao afeto nos momentos difíceis, são poemas que, ao mesmo tempo, nos incomodam e nos abraçam.

“Escrita” revela as experiências de “ser poeta” e as relações (des)harmoniosas com as palavras. Alguns textos foram traçados literalmente para a gaveta, porém hoje ganham novos horizontes de leitura e revelam os significados da vida que não estão no dicionário, mas que todo mundo reconhece quando lê.

“Amar” é infinitivo, palavra grande demais para caber em um verbo, não é mesmo? Por isso, nesta seção o tema é delineado em múltiplos cenários. Às vezes vem em forma de girassol, mas nem todo mundo gosta de amarelo ou sabe cuidar de flores. Outras vezes está expresso em detalhes, em olhares e em saudades como a do pé de goiaba na casa da avó, porque amar é muito grande para ser só por pessoas.

E encerrando o livro, “Cotidiano” tornou-se uma temática urgente em tempos de pandemia. A tristeza, a solidão e a indiferença pulam dos poemas escritos em meio à angústia e ao incômodo. “Mastiga-se o número de mortos” na frente da TV, pois o ritmo da loucura que chamam de vida não deixou espaço para a humanidade. É melhor correr antes que as demandas e as palavras nos atropelem!

Dís(pares) é esse emaranhado de coisas anotadas nos celulares, nos cadernos e nos bloquinhos de papel para que as nossas impressões não sejam engolidas pelos buracos da história.

Érica Paiva Rosa
PR Educação & Cultura

MULHER

*Cicatrizei mais uma ferida
Na cabeça, no coração, na boca
E hoje digo: Não serei interrompida!*

(Érica Paiva Rosa)

Infelizes borboletas no estômago

(Este poema é sobre borboletas no estômago,
mas este poema não é uma história feliz)

Eu tinha borboletas no estômago
e na primeira vez que ele gritou
comigo elas ficaram quietinhas,
assustadas, mas continuaram ali.

Eu tinha borboletas no estômago,
mas quando ele me deu um tapa na cara
naquela briga num sábado à noite
quando um homem me olhou porque eu estava usando aquele
decote,
as borboletas dentro de mim se encolheram e ficaram juntinhas,
todas formando um bolo de asas coloridas.

Eu tinha borboletas no estômago,
mas aí veio a primeira surra porque atrasei o jantar
e aí eu senti, eu senti uma borboleta morrer.

Eu tinha borboletas no estômago,
mas então veio uma segunda surra,
uma terceira surra,
e dali adiante incontáveis tapas, puxões de cabelo e sangue
meu sangue!
escorrendo pela minha boca e pelo meu corpo.
E a cada briga, cada grito, cada surra
uma borboleta dentro de mim morria.

Eu tinha borboletas no estômago
e quando a maioria delas já tinha morrido,
ele me trouxe flores, me levou para jantar e disse que me amava
e naquela noite eu senti
as poucas borboletas que ainda viviam se multiplicarem
dentro de mim
(realmente borboletas gostam de flores, não é?)

Eu tinha borboletas no estômago
mas naquela noite quando ele chegou bêbado
segurando uma arma, dizendo mil coisas que não faziam sentido
eu senti minhas borboletas se desesperarem, batendo suas
asas de modo caótico.

Eu tinha borboletas no estômago
até o momento em que ele atirou em mim, meu corpo jogado
no chão, um, dois, três tiros
e então as borboletas passaram pelos buracos das balas, uma
a uma se foram embora.

Eu tinha borboletas no estômago
e quem dera, quem me dera
eu mesma tivesse matado essas malditas borboletas
antes que ele tivesse feito isso comigo.

Ray Olunar

Eco

Disseram pra ele que ser homem é bom
Disseram pra ele que a mulher é só uma costela de Adão.

Disseram pra ele que deus é um nome masculino
E que o pecado... ah, o pecado é um fruto feminino.

Disseram pra ele que lugar de homem é na labuta
Disseram pra ele que mulher que não fica dentro de casa é puta.

Disseram pra ele que o macho deve ser másculo e ágil
E que mulher deve lavar, limpar, cozinhar, e ainda é o sexo frágil.

Disseram pra ele que o sangue que jorra todo mês é impuro
Disseram pra ele que mesmo assim é sempre importante
esperar por ela no escuro.

Disseram pra ele que o pai é mais importante do que a mãe
E que a mulher carrega por nove meses, mas só o homem
estoura o champagne.

Disseram pra ele que ser homem é ter o salário maior do que o
da mulher

Disseram pra ele que em briga de casal, ninguém mete a
colher.

Disseram pra ele que batom vermelho e roupa curta é convite
E que nesse caso... ah, nesse caso não precisa ter limite.

Na primeira oportunidade em que me viu,
Ele usou tudo, tudo, tudo o que ouviu
Pra “ser” homem, pra “ser” poderoso
Pra se sentir forte e glorioso
Rasgou minhas roupas, meu corpo, minha alma, meu sorriso
E todas as rimas que eu poderia usar para escrever este aviso:

Por todas as mulheres que já se foram
E por todas as que ainda virão:
Reaprendam o que é ser homem!

Érica Paiva Rosa

Encomenda 22081995

Recém-saída do plástico-bolha
Do manual, li uma ou outra folha
Tudo milimetricamente proporcional.
Esculpida em silicone, a mulher conceitual!
Desprovida de desnecessária voz,
discreta na rua, sexy a sós.
Palavras decoradas acionam os movimentos certos:
Chupe, lamba! Mas na rua, olhos abertos.
Meu doce e útil objeto feliz,
você é tudo o que eu sempre quis!

Ana Favorin

Comum

22 anos comuns
confortavelmente instalados
num corpo comum
nem gordo
nem magro
comum.

A íris mais banal,
castanha acobreada
acompanhando o tom
comum
dos cabelos até o meio das costas
comuns.

Dias comuns de trabalha, beija e briga
de pensar na vida, na morte
nisso tudo de ser
comum.

50% de um casal comum
de uma amizade comum
de uma juventude comum
que se acomoda no sofá
comum e descansa
de cansaço nenhum.

Ana Favorin

Mulheres, tão diferentes, mas a luta tão igual

Expuseram meu corpo
em revistas,
em sites,
em propagandas.

Abriram-me até as entranhas
para satisfazer o prazer masculino.
Serviram-me como banquete
para homens que se acham deuses.

Fui cortada,
dividida,
massacrada.

Meu corpo violado.

Todos os machos alfas na mesa
brigaram por peito e bunda.

Não quiseram meu sorriso,
mas enfiaram goela abaixo as suas masculinidades.

Famintos,
mastigaram com fúria
cada pedaço abundante de carne.

Fizeram-me alimento
e ainda assim
não mataram suas fomes.

No meio da mesa fui
despida,
exposta
e violada.

As que vieram antes de mim
também foram

E as que virão depois de mim
também serão.

Nós, mulheres,
tão diferentes nos nomes e endereços e manias
Nós, mulheres, tão diferentes
mas a luta tão igual.

Ainda servindo de alimento
para homens famintos
que se satisfazem com nossos corpos
mas nunca, nunca com nossas almas.

Ray Olunar

Mari Ferrer

Perdemos mais uma batalha, Mari
seu choro representa o choro de mais mil mulheres.
A ferida aberta em você
é uma dor latente em todas nós, mulheres.
Nascemos e morremos com medo
de homens-aranha
com suas patas gigantes,
prontos para nos enrolar em suas teias e nos devorar.
E nos enrolam,
e nos devoram,
e nos consomem,
e consumam atos impiedosos
com nossos corpos,
violam toda a santidade de nossas existências,
reduzem à dor toda a nossa vida.
Fizeram isso com
você, abusada de mil formas,
por um homem,
pelas amigas,
pela sociedade,
pela justiça,
pela mídia.
Homens de terno nunca serão culpados
mesmo que a culpa esteja grudada nas suas peles
como uma sujeira que mesmo esfregando com esponja e sabão
de forma recorrente e forte,
como das vezes que nossas mães nos deram banhos a ponto
de avermelhar a pele,

não, nem mesmo assim essa culpa sairá de suas peles.
Mas eles deitam a cabeça em seus travesseiros à noite,
e mais que isso, eles dormem
dormem tranquilamente
enquanto nós nos mantemos vigilantes,
acordadas num pesadelo que não tem fim.
Não existe justiça, Mari,
a justiça é uma peça de roupa que só cabe em pessoas poderosas,
enquanto nós, pobres e mulheres
seguimos usando trapos costurados com sangue e injustiça.
Eu não vou me esquecer,
nenhuma de nós vai,
e sofreremos também.
Sua dor será reverberada
em ecos das próximas mil gerações.
Mas vamos ser sinceras, Mari
você, infelizmente, não será absolvida da sua dor
nem nós teremos redenção
por termos nascido mulheres
nesse mundo de homens com seus falos endeusados.

Ray Olunar

Bons modos

Não me interessam a pureza, a boa fama e os bons modos. Pro inferno os bons modos e os vestidos até o joelho sem decote, como tem que ser. Não me interessa você, com toda a sua boa aparência, titulações exemplares e missas aos domingos. Olha bem pra mim, você me daria o papel de Maria mãe de Deus no teatrinho da igreja? Eu fui Maria. A virgem. Pura. Desisti das Artes Cênicas. Olha mais uma vez pra mim. Olha bem pra mim. Você seguraria minha mão durante uma noite de Natal em que eu estivesse bêbada demais para caminhar sozinha? O escândalo da família. Feliz. Real. Palpável. A vergonha da família. A tristeza da gigantesca família que sempre varreu a sujeira pra debaixo do mesmo tapete, o mesmo tapete pra onde se varrem todas as sujeiras desse país imbecil. Eu sou imbecil. Saber minha imbecilidade e encará-la, todos os dias, nesses olhos refletidos no espelhinho do banheiro, me coloca em posição menos ridícula que tantos outros imbecis por aí. Olha bem pra mim. Você acha que eu me importo com os nomes que me dão nos corredores dos bares que conheço tão bem? O que me dói é outra coisa. É parte incerta que compõe meu peito de gente, é me dar conta de que sou gente e os que me espreitam, do outro lado, são gente também. Sangue e carne pulsantes. Tem gente que mais parece máquina. Tem máquina que tá parecendo gente. O que me dói é ter ido a tantos velórios com esses poucos anos que, amanhã ou depois, já não serão tão poucos assim. Olha bem pra mim e me diz, me diz muito sinceramente, se não tá na hora de mandar esse mundo inteirinho pro inferno. Não cabe mais nada debaixo do tapete.

Ana Favorin

Abecedário da ilusão ideal

Alta

Bonita

Comportada

Decente

Equilibrada

Fiel

Gentil

Honesta

Inocente

Jovem

Legítima

Magra

Normal

Obediente

Paciente

Quieta

Recatada

Simpática

Tolerante

Útil

Vulnerável

Xereta

Zelosa

Nossa vida definida em velhos verbetes de um dicionário patriarcal e retrógrado. A reescrita é para ontem!

É dura mesmo, vó.

Cê tava certa.

Mas eu também tava certa na minha dureza e teimosia.

Eu também tava certa de subir no pé de goiaba e ter essa mania com poesia.

O foda (desculpa o palavrão) é que minha cabeça ainda não gosta de mim.

E eu não lembro direito como é que reza o terço daquele jeito que a senhora ensinou, daquele jeito que bota uma certeza no coração da gente.

Como é que era, vó?

Como é que era?

Será que tem jeito da minha cabeça gostar de mim?

Vó, a senhora, daí, faz uma simpatia. É pouca a chance de falhar.

Daqui,

eu faço essa poesia,

fingindo que ainda sei como rezar.

Ana Favorin

As mulheres das ruas de dentro

Algumas histórias apodrecem na minha cabeça, se arrastam entre as minhas orelhas por anos, no espaço vazio entre os olhos, nas cavidades do nariz e batem com os punhos fechados contra as paredes do meu crânio. Aí desistem, morrem por inanição e entram naquela espécie de lenta decomposição das ideias. Aí reaparecem. Tornam a sumir. Sei lá!

As unhas dela, da menina morta, arranham as paredes do lado de dentro e eu não a entrevisto, não falo com ela porque por mais diferentes que sejamos. Eu e ela. Somos a mesma. Deixa eu ver se consigo explicar. É que em todas as histórias estou eu e todas as dores dos meus 20 e tantos anos. Às vezes, eu só não quero ter que olhar.

Mas aí eu encaro. E quando olho fundo nos olhos fundos de mim, gosto da levada dessas mulheres mortas e tão vivas no mundo das histórias que ainda não foram escritas. Uma legião de Marias que nasceram em conversas despropositadas em cadeiras de plástico da Skol, salas de aula abafadas e cheias de mofo, nas ruas em que andei bêbada reparando nas pessoas vivendo suas vidas sem saberem que iam ficar pra sempre presas aqui na minha cabeça, pedindo pra virar uma promessa nas notas de rascunho do meu celular ou em um caderninho desses que eu insisto em carregar pra tudo que é canto.

Aí elas vão ficando. Morando às vezes mais pra baixo ou mais pra cima, ficando muito quietas ou batendo canecas nas grades e fazendo grande estardalhaço. Tem uma que dança sempre no meio de uma praça, com restos de uma fantasia encontrada na quarta-feira de cinzas. Pra essa, é sempre carnaval. A outra tá assim, de costas pra mim, retoca a maquiagem no bar do Nanã e eu vejo sua sobancelha ser delineada pelo reflexo do pequeno espelhinho de bolso. Ela é um quadro, sempre assim paradinha, já faz anos. E tudo o que vejo de sua expressão é esse olhar intermediado pelo pequeno espelhinho de bolso.

Também tem uma, eu gosto muito dessa, trabalhadora, mãe de família, 45 anos, forte e bonita. Convencida pelo filho adolescente, estudou o ano todo pra fazer o ENEM, conquistar o diploma que foi adiado pelo casamento, depois os filhos, a vida toda trabalhando em casa de família. Depois de lavar a louça do almoço, sentava com os livros na mesa da cozinha, insistindo com a cabeça de que sim, era possível. Acabou que não deu certo. O casamento, a prova, o emprego. Acabou que não deu certo nada e ela escolheu logo a folha de redação no dia da prova pra contar essa história. Comoveu o corretor, que por acaso foi meu professor, mas essa história já é outra. Zerou mesmo assim. Tem dia que ela ainda estuda.

A outra, mais jovem, a doida dos signos. Leu no horóscopo do jornal que era o dia de grande sorte, dia de conhecer seu grande amor, quem sabe? Pisciana, coitada. Morreu atropelada pelo caminhão de gás assim que pisou na rua. É mais uma impressão, sempre naquela esquina, tentando andar com uma história que é só isso mesmo e mais nada.

Shhhh.

Elas ouviram tudo.

Me olham muito quietas e sérias, como se eu não tivesse o direito.

– Desculpa.

Ana Favorin

22 pratos empilhados em cima da pia

Algo desatina em mim,
um desencontro com o mundo,
quebro todos.

22 pratos empilhados em cima da pia.

12:40.

Um por um.

Água e sabão.

Eu sempre me pergunto quando é que a gente começa a ser sozinho nesse mundo, é uma coisa que já nasce com gente, não é?

A solidão.

Meia dúzia de lágrimas vão pingando na pia,
misturando-se à água corrente, ao sabão e às manchas de comida.

Comida não é tudo.

A fome é variada e vem de um oco muito mais profundo que o estômago.

Quando eu fui batizada, já tinha lá meus três anos.

Lembro dos lacinhos no meu vestido branco,
da careca do padre,

dos brincos de pérola da minha mãe e da frase

“que cresça em estatura, sabedoria e graça”.

Cresci miseravelmente em estatura e sabedoria, muito em solidão.

A graça não topou comigo ou eu não reconheci sua cara pálida.

E eu fico pensando se a gente é sempre assim tão só,
de um jeito que não tem companhia que preencha o espaço
vazio que é só nosso, com as medidas exatas de coisa nenhuma.
Buraco reservado ao eco.

12:55.

Que alguém guarde os pratos limpos.

Ana Favorin

Ressaca

Andamos por quilômetros e quilômetros
Observando aquele céu fechado
Numa escuridão que dava medo
De repente, o vento gelado bateu na nuca
E arrepiou o corpo todo.
Começamos a correr sem combinar,
Mas, no fundo, o que sentíamos era igual
Mesmo sem saber o nome daquilo.
Foi quando avistamos o mar
E a sua imensidão majestosa
la subindo a areia e abraçando tudo
Aquela era a noite dele!
A aventura sem nome acalmou
Quando nossa mãe apareceu
Com aquele sorriso de conforto
Dentro do peito
Dentes brancos como a lua cheia
Coração grande e agitado como o mar.

Érica Paiva Rosa

ESCRITA

*Escrever é muito louco
Eu invento mentiras
E cada leitor aumenta um pouco...*

(Érica Paiva Rosa)

Uma palavra sobre a palavra

Quando eu desaprendi a palavra,
experimentei – acho que pela primeira vez –
ficar em silêncio...

E no silêncio,
eu me achei tão feia
e pequena...

E no silêncio,
me abandonei um pouco
e esperei
por salvação
que nunca
veio.

Também no silêncio eu me encarei mais de perto e atinei minhas
veias, ossos, pele, olhos, dores e doenças que eu nunca havia
percebido e, no fundo eu sei, sempre estiveram aqui.

No silêncio, agarrei a palavra.
E agora a aperto firme entre os dedos.
Não quero vendê-la, não quero soltá-la.

Continuamos em silêncio, esmagando uma à outra.

Ana Favorin

Escrevi porque me empolodou,
mas foi tanto que me enrolei.

Érica Paiva Rosa

Liberdade vem de dentro

Começo a escrever mais um poema
e talvez esse novo poema
(assim como quase todos os meus poemas)
ficará encarcerado neste papel.
Jamais será lido por lábios que não sejam os meus
e visto por olhos que não sejam os meus
e jamais toque outro coração que não seja o meu.
Isso não diminui em nada minha vontade de escrever,
muito pelo contrário, a alimenta.
Eu, uma em sete bilhões de pessoas no mundo,
sou única e sozinha,
minha única companhia de todos os momentos
sou eu mesma,
ora disfarçada em caos e chuva,
ora escondida em poesia e sol.
Então, mais um poema escrito
que me liberta do silêncio
mesmo que meus gritos
só preencham folhas de papel
e jamais cheguem aos ouvidos de alguém.
Sou livre do mundo
quando estou dentro de mim.

Ray Olunar

Tretas linguísticas

Quero dizer isso, mas não posso

Não há palavra que explique o que penso.

“Melhor usar o vocabulário que já existe”

Seja clara e objetiva!

Prefira os termos formais ais aiis aiisss

Use a ordem direta que o texto flui ui ui ui

A linguagem é um verdadeiro pé no saco

A escrita é uma verdadeira pela saco!

Érica Paiva Rosa

Macarronada de domingo

Eu só queria escrever um daqueles textos viscerais,
que nascem do chorume do nosso peito.
Mas tá tudo limpo, no lugar.
Se tá tudo limpo,
por que é que eu sinto essa comoção,
essa quentura agoniante,
feito uma macarronada de domingo que não cai bem?
Vai ver todo mundo tem uma gastrite
que dói num lugar que não é o estômago.

Ana Favorin

Eu só existo neste instante

Você me tem nas mãos,
um emaranhado de palavras sem sentido.

Você me lê, me decora, me admira,
mas você me sente?

Você me mastiga com a fúria de uma fome,
mas você sente o meu gosto agridoce?

Eu existo!

E sou mais que uma pele manchada de sol,
mais que dentes sujos da última refeição,
mais que ossos firmes e tortos que sustentam o peso dessa
vida.

Sou mais que todo esse ser físico que ocupa um espaço no
Universo.

Você me enxerga?

Você me enxerga por dentro?

Com todo esse caos de sentimentos, medos e sonhos?

Eu sou uma poesia velha em papel amassado,
guardada no fundo da última gaveta.

E eu só existo

(eu só existo de verdade)

enquanto você me lê.

Ray Olunar

Banquete

Tudo que eu não tive coragem de falar
eu escrevi nestas folhas.

Eu escrevi sobre amores
que de tão doces me assustaram
porque do amor eu só conhecia os band-aids
mal colocados nas cicatrizes do meu coração.

Eu escrevi sobre as sensações
de dor e tristeza por ser deixada para trás,
porque fui bagagem pesada demais para alguém
e muitas vezes eu mesma me abandonei.

Eu escrevi sobre sonhos
que de tão distantes
fizeram-me acreditar que eram inalcançáveis,
o que me fazia sentir que estava me afundando em areia movediça.

Eu escrevi sobre mim,
sobre tudo que o buraco negro (que sou) consome,
e o quanto pesa a morte de estar viva
porque viver é morrer todo dia um pouco mais.

Eu escrevi pra matar minha fome.
Eu engoli palavra por palavra
nessa mesa de jantar
onde meus sentimentos eram o banquete.

Descaso

Descaso!
ao acaso,
as calçadas
tão vazias.
E eles ainda têm cara
pra criticar
essas merdas de poesias.
Tá vendo essas casas caras,
com todos esses caras
de carteira cheia, fi?
Finge que não liga
olha pro lado,
sorri.
Ocupa o teu espaço,
que quase te esmaga,
que não te deixa sair.
Grita com eco e com força
quem sabe deus te ouça
ou a polícia bata aqui.
Pisa essa calçada
e cola nela os teus malditos pés.
Ocupa tudo com dor, peito, rimas
e tudo mais.
Até essas que essas pessoas finas
protegidas por grades e quintais
se percebam ridiculamente iguais.

TECLADO. CADERNO. PULMÃO.

Eu nunca mais escrevi. O cursor pisca, eu respiro. Pisca. Respiro. Nada. Os dedos tamborilando qualquer coisa no teclado. Há uma tensão entre o cursor e meus pulmões. Diálogo silencioso que não vira verbo, nome, rima. O caderninho enfiei nalguma gaveta. Minha letra anda feia como a de todo mundo, é a falta do hábito. Quero tentar um diário. Algo puramente meu. Não consigo. O cursor ainda pisca, meus pulmões lerdearam de repente. O acúmulo de trabalho voltou a me tirar de casa e a pagar minhas poucas contas. Por sorte! Encaro o concreto do mundo e a causa de nossas mortes. Como eu teria coragem de escrever um diário? Eu gosto e desgosto do mundo. Respiro mal. Se o pulmão anda lerdo, não acha o compasso do cursor, não tem conversa, verbo, nome, rima. Não consigo escrever no caderninho no ônibus, a letra que já não é boa, fica pior. Respiro. Escrevo isso mesmo, o que os dedos perdidos tamborilam. Escrevo só pra aliviar os ombros, compreendendo que essa escrita e nada são a mesmíssima coisa.

Ana Favorin

Gramaticalhas do tempo

O futuro não é futuro!

O futuro pode ser um passado,

Porque está à frente e atrás também

Passou e passará, ou seja, é um paradoxo!

Na realidade o futuro poderia ter passado

Olha aí o futuro do pretérito,

Passou e eu nem vi.

Eu amaria, eu cantaria, eu faria ia ia ô...

Posso ir ao passado e ao futuro sem sair do presente

Sim, é possível!

O presente é o dono do enunciado

Mas quem é o futuro?

Futuro do presente – entenderei

E futuro do pretérito – entenderia

Entendeu?

Não? Natural...

Às vezes, o tempo e a gramática pregam peças na gente.

Érica Paiva Rosa

Tem dias que a gente desacorda, sabe como é?

Entra em desacordo e fica por dentro o nó cego, vindo do estômago até a garganta, sem sair nunca. E nesses dias, esse caderno vindo de longe comporta a dureza crua das minhas palavras que sempre tão descomportadas roçam a língua no céu da tua boca. Mas você não lê. E é bom que você não leia meus desamores que se fincam em linhas esdrúxulas, ficam perigosamente pendurados entre verso, prosa e ritmo, sem saber que coisa ser. E despencam. Afogam-se sempre no primeiro beijo. É verdade que às vezes tarda o beijo, mas sempre se suicidam os desamores. Suicidam-se também as palavras, não as que escrevo porque essas, uma vez no papel, tomam sozinhas seus caminhos dementes ou são. Suicidam-se as palavras de boca, as que fazem bola na garganta e retornam, à força, para o miolinho do meu estômago. Voltam trêmulas feito asas de borboletas enormes e daí essa metáfora toda. E perdoa a loucura, é que eu... não caibo. Perdoa a falta repentina de qualquer espécie mais ou menos organizada de rotina, é que eu... não paro. E as palavras não param bem no meiozinho de mim e quando eu calo é que tudo grita mais. E eu não sei mais se você compreende a minha língua. Escolho o silêncio. Escolho o silêncio porque, como uma obra de arte própria dos nossos tempos, eu já não comunico. E sei que você não fala minha língua mesmo que em algum momento eu tenha tido a certeza de que teus dedos eram fluentes em mim. E a língua! A língua dona de todos os tatos e contatos... cala. Vai ficando esquecida até virar silêncio de biblioteca vazia, vazia...

Até virar gramática.

Ana Favorin

AMAR

*Amar não é verbo
É substantivo próprio
Particular de cada um.*

(Érica Paiva Rosa)

O girassol dentro de mim

A primeira vez que mostrei meu girassol para alguém, esse alguém não entendeu, ora bolas porque diabos eu tinha um maldito girassol plantado dentro de mim e decidi que não era hospício para aceitar minha loucura em tons amarelos.

Na segunda vez que mostrei meu girassol para alguém, esse alguém disse que girassóis eram flores simples demais, selvagens demais, que preferia as flores mais delicadas e assim escolheu se cortar com os espinhos das rosas modestas.

Na terceira vez que mostrei meu girassol para alguém, esse alguém se encantou e perguntou sobre os cuidados para ter um girassol tão bonito e depois foi embora fazer uma plantação de girassóis em outras pessoas.

Na quarta vez que mostrei meu girassol para alguém esse alguém gostou tanto que por um tempo cuidou dele comigo, mas num dia frio, apagou as luzes em mim e esqueceu que girassóis precisam de luz, e assim meu girassol murchou.

Na quinta vez que mostrei meu girassol para alguém, esse alguém ficou maravilhado, obcecado, disse que jamais tinha visto coisa mais linda e um dia, à força, arrancou o meu girassol pela raiz.

E desde então,
não houve mais ninguém para conhecer
nem houve mais girassol dentro de mim.

Ray Olunar

Simplura

Você sabe das minhas simpluras, é com pouco que me ajeito bem. Nem entro em lugar muito fino, não tenho roupa ou tamanho pra isso. Ocupo meus cantos, os becos impregnados com o cheiro das coisas que são tão minhas. O tal vinho de 10 reais. Eu fico só pensando que tem gente que não pisa aqui do mesmo jeito que eu não piso lá. Engraçado esse esquadro de medir e dividir as gentes. Repara na tônica do mundo, é essa coisa de ser ou deixar de ser isso ou aquilo. Bobagem. O dente de todo mundo dói. Uns tratam, outros não. Você também sabe bem das minhas ingenuidades e meninices. Será que o tempo endurece a gente? Era bom que sim. Fardo pesado esse: a sensibilidade. Isso de sentir tudo, tudinho. Até a água morna avermelha a pele. Se endurecesse, dava jeito, doía menos. Mas que graça? Que vida? Fico é pensando naquele jeito que cê me olha, só às vezes. Não sei se é com pena ou com ternura que seu olhar se encheu, mas transborda quentinho e chega no meu peito, morno. Avermelhando a pele. É que cê é simples também, daqui dá pra ver, ó! Esse jeito de olhar as coisas e enxergar, é simplura também. Aí a gente dá as mãos e segue bem juntos, pisando as pedrinhas desse lado da rua.

Ana Favorin

O coração é uma casa velha e abandonada

O coração é essa casa abandonada, essa casa velha,
onde as paredes que restam,
essas paredes sem cor
estão mofadas pelo encanamento enferrujado
que vazava água em partes desiguais.
Essa casa velha,
onde as janelas de vidro
quebradas por bolas de futebol que crianças jogavam na rua
permitem que entrem raios de sol
que acertam o piso desgastado e manchado de vinho tinto e
tintas.

O coração é essa casa abandonada, essa casa velha,
cheia de móveis estragados e empoeirados
que dividem espaço com os fantasmas do passado
que assombram cada um dos cômodos.

Essa casa velha,
onde o teto quase sem telhas
deixa que a água da chuva escorra para dentro
e essa água molha, molha, molha,
cada parede mofada
cada cano enferrujado
cada janela quebrada
cada piso desgastado
cada móvel empoeirado,
cada fantasma do passado.

O coração é essa casa abandonada, essa casa velha
que muitos têm medo do que se tornou agora
mas esquecem, esquecem que um dia,
essa casa abandonada, essa casa velha
já foi chamada de lar.

Mãe manda amor com os olhos

Ajudou os filhos ontem
E precisa de ajuda hoje
Tendo medo do amanhã.
Essas voltas bestas da vida
Que não levam a lugar algum.

Érica Paiva Rosa

Haikaimor

Três versos não dão conta
Do que sente meu coração
E do que ele apronta!

Érica Paiva Rosa

Você me amou no raso

Você me amou no raso
sempre molhando os pés, mas nunca se entregando,
fazendo barquinhos de papel e colocando em mim
e você ficava ali, observando cada barquinho afundar.

Você me amou no raso
e eu inventei desculpas pra aceitar que eram assim
que as coisas funcionavam no amor,
eu nunca fui boa em velejar,
sempre que me permitia nadar um pouco mais fundo, eu me
afogava,
cada onda me afundando um pouco mais.

Você me amou no raso
e eu aceitei porque eu não queria vir em ondas em sua vida,
eu queria ser águas tranquilas.

Você me amou no raso
como se tivesse sentado na bordinha e apesar de toda a
imensidão
seu desejo era ficar em terra firme.

Você me amou no raso
e por tanto tempo eu aceitei isso:
eu me escoeí,
me esvaziei,
me liquidei
pra não transbordar em ti.

Você me amou no raso
então eu me conformava e aceitava, mas a pergunta
permanecia:
como alguém vai à praia e se contenta em só molhar os pés?

Você me amou no raso
enquanto eu me entreguei na profundidade e mergulhei
e quando aconteceu o inevitável e me afundei,
ainda tive forças pra lutar e alcançar um bote salva-vidas
(que não era você)
porque você só sabia fazer barquinhos de papel.

Você me amou no raso
e eu aceitei suas migalhas porque sempre achei que era riacho
mas então fiquei à deriva até descobrir que eu era oceano.

Você me amou no raso
e quando eu descobri ser profundidade
eu desisti
porque seus barquinhos de papel nunca sobreviveriam
às minhas tempestades.

Ray Olunar

Todas as vezes que eu vejo você

Todas as vezes que eu vejo você,
eu sinto um friozinho na barriga.
Minhas borboletas no estômago querem voar para teu jardim.
Eu fui lagarta assustada,
o amor fez-me casulo.
Hoje sou borboleta voando até ti.

Todas as vezes que eu vejo você,
eu sinto o Universo explodir aqui dentro.
Minhas constelações no peito querem eclodir com as suas.
Eu, sempre estrela perdida, solitária incompreendida,
me descobri cadente
querendo realizar cada sonho dentro de ti.

Todas as vezes que eu vejo você,
eu sinto uma sementinha crescer no meu peito.
Meu girassol querendo ser iluminado pelos teus olhos.
Eu, pequena flor sempre morrendo de sede
no deserto dos corações alheios,
vi-me florescer no solo fértil que há em ti.

Todas as vezes que eu vejo você,
eu sinto o que está acorrentado em mim querendo voar.
Meu pássaro preso quer liberdade.
Eu, medrosa, mantive-o por muito tempo,
nesse coração-gaiola,
e senti tornar-me ninho ao permitir que voasse até ti.

Todas as vezes que eu vejo você,
eu sinto a poesia do viver em seu existir.
Meu poema mais bonito eu guardei para nós.
Eu, poeta triste, mas esperançosa,
insônia perseguindo-me em madrugadas solitárias,
escrevi poemas de amor para ti.

Todas as vezes que eu vejo você,
tenho vontade de dizer as palavras.
Essas palavras que por muitos anos trancafeiei no peito.

Todas as vezes que eu vejo você,
desejo saber como é fazer morada no abraço.
Todas as vezes que eu vejo você,
desejo que você também me visse assim.

Ray Olunar

Não é sobre o Pé de Goiaba

Eu sei. Eu admito. O tempo da coisa toda de escrever ficou enfiado nalgum canto meu, esperando sobrar um respiro de felicidade pra eu olhar aquela estrela vermelha que você não sabe o nome e me perguntar se eu ainda consigo tocar o coração do escorpião.

O amor se escondeu nas minhas sombras mais profundas.

Mas é que agora, na leveza dos dias que são novamente meus, inteiros e iguaizinhos, como os dias de todo mundo que veio do mesmo lugar que eu, o amor se espreguiça. E eu reparo bem quando você me aperta e a gente ri, pés dados.

Me olha de canto de olho pra ver se tá tudo certo em intervalos calculados de tempo, enquanto todo mundo conversa na mesa sem participar dessa maneira esquisita e nossa de comunicação.

E se eu morro um pouco em outro cômodo do apartamento cheio de plantas que também morrem e vivem muito, você me grita só pra ter certeza de que tá tudo pelo menos um pouco bem.

E eu gosto desses dias mesmo quando você não entende minhas frases cortadas. Bem no meio. Por pontos e vírgulas que eu sei que não cabem ali, mas eu enfio porque nos meus textos eu que mando e é só aqui mesmo que eu tenho esse poder todo de brincar de deus, esticando e encolhendo meus mundos. E eu até aceitei que você também pode brincar de deus e me responder com um emoji cheio das coisas que você não diz, só porque o texto é seu.

E eu te amo. Mais e diferente.

Mais fundo e mais quente.

Mais devagar com cadeira na calçada, como a gente ama as coisas que estarão sempre ali, como a gente ama uma árvore na infância, sem admitir que algum dia vai vir alguém e BAM!

Cortar a árvore.

Eu tenho saudade do pé de goiaba no quintal da minha avó e eu nunca desconfiei que a terra ia virar cimento ali, logo ali. A gente virou esse aproveitar despreocupadamente e sem ânsia, na calma de uma vida cheia de pode ser e de seja o que deus quiser.

É subir de improviso, cair de vez em quando e não se magoar tanto. Ainda mais agora que merthiolate nem arde mais.

Te amo.

Mesmo crescida e sabendo que a terra às vezes vira cimento. E isso, pra mim, é uma grande evolução nessa coisa de amor.

Ana Favorin

Vendedor de flores

Vejo um vendedor de flores.
Flores brancas, rosas e vermelhas
pintam suas mãos.
Vejo um vendedor de flores,
em meio ao cinza e caos da cidade.
O vendedor parece desanimado,
“uma flor pra alegrar o dia de quem ama, querido?”
oferece a uma pessoa que passa
e a outra e a outra,
todos estão muito assustados, angustiados
- e preocupados!
Ninguém tem tempo pra parar,
ainda mais para comprar flores!
Quem compraria flores agora?
Não alimenta o corpo,
não mata a sede,
sequer impede doenças.
Quem compraria flores?
E de dentro do ônibus
respondo baixinho pra mim mesma:
eu compraria.
É uma droga ser romântica
nos dias de hoje
e ainda mais na situação de agora.
Então, tem esse vendedor de flores
e mal sabe ele
que essas flores
foram a única coisa
que pintaram com cor
esses meus últimos dias cinzas.

Reencontro (me)

Há beleza na dor!

Eu repito isso pra mim mesma num solitário sábado à noite.

Eu me perdi por tanto tempo tentando me encaixar
em lugares e em pessoas

que me esqueci de encaixar em mim mesma.

Eu me perdi tanto tempo, tanto tempo

que agora me sinto forasteira

dentro de cada centímetro da minha pele.

Olho pro espelho e não me reconheço, s

ó enxergo um borrão desconhecido,

como quando a gente liga o chuveiro na água quente

com a porta do banheiro fechada

e o vapor transfigura os reflexos em vultos.

Sinto que me desmanchei, me moldei e me reconstruí

mas levei tanto tempo que paguei um preço muito caro

pra ser quem agora escreve com sangue e dor essas palavras.

Eu me perdi tanto tempo

e me dói tudo que passei e fiz para estar aqui

mas reconheço que eu precisava disto:

me perder

porque agora sei muito bem como me encontrar.

Ray Olunar

COTIDIANO

*Casa, engarrafamento, trabalho
Celular, computador, contas, dor de cabeça
Será que a gente realmente vive
Ou só improvisa?*

(Érica Paiva Rosa)

Ironia

Ela não gostava muito de contato físico
Principalmente de gente estranha na rua
Mas a quarentena encheu a casa de vazio e saudade
E esses dois parceiros a fizeram sentir falta do calor
Não aquele que derrete o corpo e deixa a gente chata
Mas o quentinho que só tem dentro do abraço
Mesmo que de um desconhecido!

Érica Paiva Rosa

Chegou o tempo, Carlos!

E tudo o que se diz ainda é

“meu deus”.

O mundo entalou na garganta, emoldurado nas manchetes repetidas há meses.

Senta-se à mesa todos os dias, mastigando arroz com feijão e ouvindo a voz de William Bonner atualizar o número de mortos.

Aceita-se o número de mortos.

Mastiga-se o número de mortos.

E, sobretudo, se diz “meu deus”.

Depois, a previsão do tempo.

O terror se pintou de costume na falsidade plástica dos dias encaixotados.

O “novo normal” não é novo para os que ainda andam presos a sua classe e a algumas roupas.

Ainda andam.

Pelas ruas cinzentas.

E enfim, Carlos, chegou um tempo em que não adianta morrer.

A morte é que resultou inútil.

– E daí?

Ana Favorin

Quarentena

Em tempos de coronavírus é proibido tossir,

é proibido o aperto de mão, é proibido sair.

E é importante usar álcool em gel, lavar as mãos,
cuidar da saúde.

Tranquem portas e janelas e lojas e padarias e shoppings mas
não tranquem os corações.

E calma,

ainda não existe vírus que nos impeça de amar.

Espalhe afeto

e não precisa usar as mãos para isso.

Ray Olunar

Uma vida a 110 km/h

15 de dezembro, piscou 30 de janeiro!

Lê, lê, lê, escreve, escreve, escreve

Reviiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiisa

Enfim, março.

Que roupa eu vou escolher para suar frio hoje?

Acho que a mesma que já uso a vida inteira, né

Preto. Vou colocar preto que sempre cai bem

Ufa, passou!

Respiro aliviada e bebo aquela gelada.

Acordei. Qual a pauta de hoje?

Eita, não tem. Você já acabou, lembra?

Reparei no relógio, depois no calendário

O tempo tá passando,

mas não tá passssssssando daquele jeito.

É bom, mas meio vazio

Igual quando a gente lava o gelo que caiu no chão

Só pra não perder.

Arruma outra fita pra fazer

Olha quanta coisa atrasada, minha filha!

Oh glória! Não demorou muito e voltamos à programação normal

Agora corre! O ritmo da loucura voltou rápido hein

Vaaaaaaaai, para de reclamar e olha pra frente

Antes que as demandas te atropellem...

Almoço com a moça do tempo

Deslizou terra, morreu gente, cê viu no jornal? Nó na garganta de uma semana de desencaixes e agora isso. Gente morrendo. Tem sempre gente morrendo enquanto a gente almoça em silêncio e mastiga a comida e a raiva e a tristeza e a conformidade dos nossos dias estranhos e sós. Inadmitidamente sós. Secretamente sós. Foram 9 casas atingidas. 7 mortos. Um menino procura a namorada e fala com a reportagem, um homem perdeu o amigo, a câmera focou uma banheira de bebê no meio da lama. Chorava o menino que procurava a namorada. Eu busquei algum contato humano ali. Na sala. Com o prato na mesa. Lágrimas nos olhos. Um guardanapo apertado na mão. As buscas continuam e uma criança está em estado grave. Ontem foi aniversário do menino. Teve festa na casa que a terra levou. Foi aniversário do menino. Meus olhos buscam olhos, conforto, compreensão. 7 mortos. Os bombeiros pedem silêncio pra ver se ouvem alguém lá de dentro da terra, dos escombros, do ontem agora desfeito. Eu peço silêncio pra ver se eu ouço alguém lá de dentro de mim, de nós. E a gente se olha, se toca e se cala. E se desentende no instante em que fala. Medo. Mastiga. De um lado para o outro. Alternadamente. As buscas continuam.

Agora, a previsão do tempo.

Ana Favorin

I s o l a m e n t o

Mais um dia
sem abraço,
sem beijo,
sem toque,
sem mãos dadas.

Mais uma semana passou
desde a última vez que
passei desatenta no parque.

Mais um mês
de inseguranças,
de perdas,
de sonhos des-planejados.

Mais uma pitada de infinito
nos relógios e calendários
espalhados dentro de casa.

No jornal - mais mortes,
nos cemitérios - mais mortos,
nas casas - mais solitários,
na vida - mais desamparados.

O tempo continua correndo,
nós continuamos presos
às correntes de nossas próprias casas
protegendo a chance de viver.

E enquanto reclamamos que a pandemia não passa;
o vírus passeia por todos os cantos
entre máscaras e álcool em gel,
acerta qualquer vida frágil.

Vocabulário de um mundo mudado

medo *sm* sentimento distante que nem gera mais tanto medo assim, pra quem sobreviveu a uma pandemia, nada pode ser tão ruim.

violência *sf* ação coadjuvante que perdeu o protagonismo no jornal, mas continua por todos os lados interpretando um papel crucial.

CPF *sigla* sigla importante, não mais que o CNPJ, que tem mais números e letras, as pessoas do P até parecem iguais, mas só a primeira pode fazer horas extras.

doméstica *sf* profissional relevante, a única que consegue lavar uma privada, além de alimentar e amar as crianças na casa de uma família tão ocupada.

ignorância *sf* boa comandante, guia o povo com falsa informação, geralmente ela chama o pão e circo, dupla que nunca a deixa na mão.

Você deve estar se perguntando: O que é que mudou então?

Resposta: A semântica da opressão.

Érica Paiva Rosa

O mundo é ruim, Sebastião.

é assim mesmo,
sem rima.

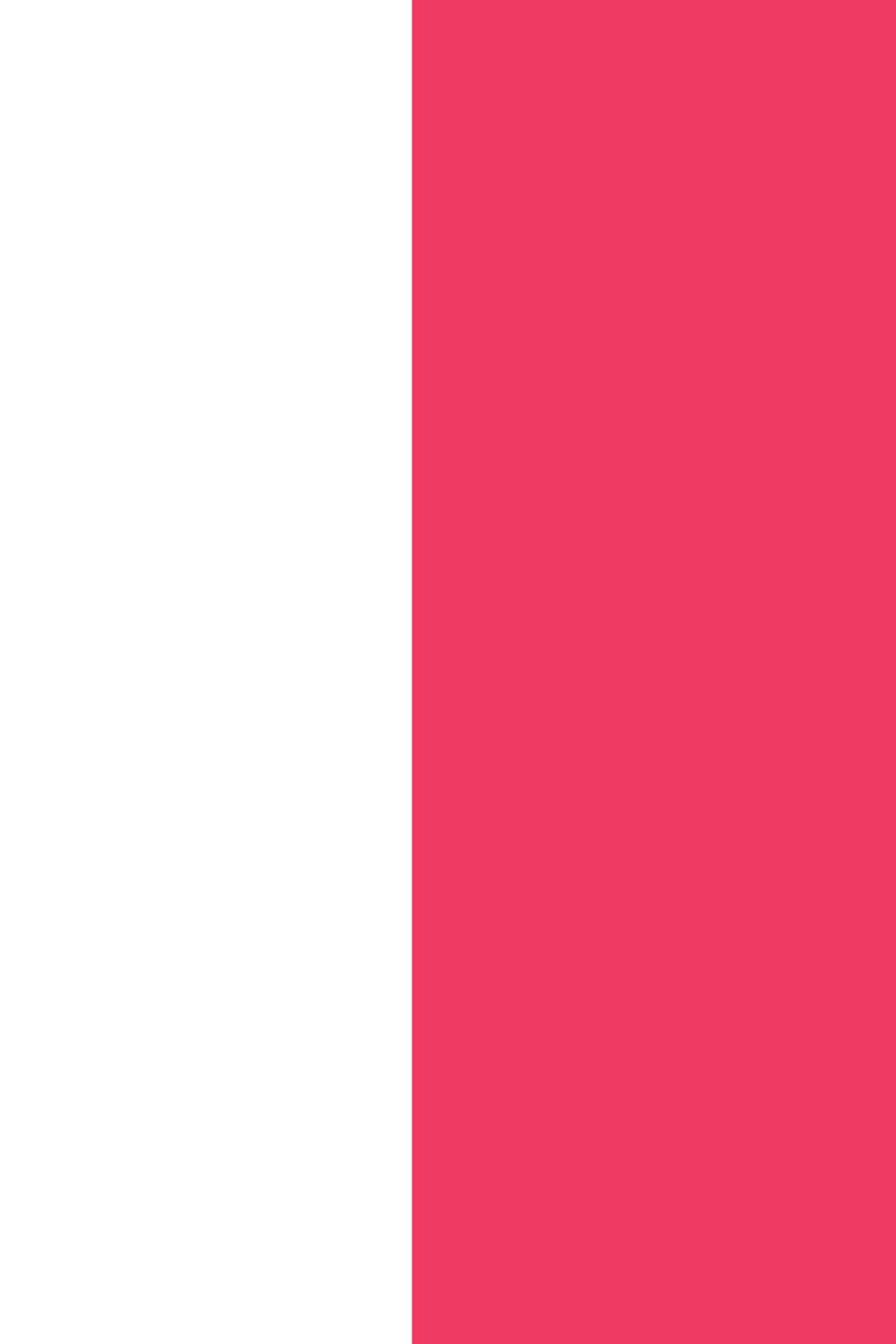
olha, desliga a tv,
não lê o jornal, se poupa da desgraça.
se for pra chorar, enfia a cabeça no meu colo
e soluça.

não se mostra pra essa gente que não sei se é má ou perdida.
se for pra doer, aperta meu corpo com tuas mãos,
as unhas nas minhas costas,
puxa meu cabelo.

por aproximadamente 15 segundos,
o mundo é bom, Sebastião.
o resto é mentira.

Ana Favorin

Dis(pares) foi impresso no papel Avena 80g com os tipos
Figtree Regular 10,5/13,5 e Figtree Bold 13,5/13,5, em Curitiba
- PR, para a Editora Insight, em Dezembro de 2024.



SINOPSE

Dís(pares) reúne poemas de Ana Favorin, Érica Paiva Rosa e Ray Olunar que versam sobre a escrita, o cotidiano, o ato de amar e a existência, sob diferentes perspectivas, mas com um forte ponto de convergência: ser mulher neste mundo.

A ORGANIZADORA

Érica Paiva Rosa é produtora cultural, poeta, professora e pesquisadora na área da literatura. Integra o Coletivo Pé Vermelho, de Maringá – PR, que realiza o Slam Pé Vermelho (campeonato de poesia falada), saraus e oficinas literárias. Coordena os festivais “Falares – Festival de Literatura Oral” e “Festival Pé Vermelho de Poesia”, além de diversos projetos culturais.

[POESIA]



Audiolivro e pdf
neste qrcode



MINISTÉRIO DA
CULTURA

